

SOBRE MAGIA E ENCANTAMENTO: ENTREVISTA COM CLÁUDIA ORTHOF

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira¹
Adriana Gonzaga Lima Corral²

Nesta entrevista, busca-se reavivar, sob o olhar de Claudia Orthof, a importância da produção de sua mãe, Sylvia Orthof, no cenário da literatura infantil e juvenil. Almeja-se, também, trazer informações que contribuam para futuras pesquisas, preencher algumas lacunas biográficas sobre a autora, além de rememorar sua potência criativa. Claudia Orthof Pereira Lima nasceu em três de setembro de um mil novecentos e cinquenta e sete, mesmo dia e mês de Orthof, no Rio de Janeiro. Formou-se em Medicina na Escola de Medicina Souza Marques (EMSM)- RJ., depois fez psicologia médica e internato em obstetrícia, especializou-se em partos humanizados. Nunca trabalhou como médica num hospital, segundo ela mesma: “Fiz uma história bem diferente dos médicos”. Para esta entrevista, recebeu-nos em seu sítio, em Teresópolis/Rj. Durante um dia inteiro, repleto de magia, pois ora com sol, ora com chuva, pudemos partilhar de um clima agradável e de uma prosa acolhedora. Gradualmente, Claudia dividiu conosco suas memórias afetivas, confiou-nos o privilégio da convivência com sua família e, como não poderia ser diferente a uma filha de Sylvia Orthof, encantou-nos com sua perspicácia, humanidade e delicadeza.

1 - Eliane Ganem dedicou seu livro *A fada desencantada* à Sylvia Orthof. Na apresentação, Ganem escreve: “Ela continua “safada” e imprópria para maiores de 100. Ela foi desencantada, por isso mesmo sendo o que é, ela é fantástica. Mas aquele fantástico que vai se revelando aos poucos e mostrando que a imaginação é o nosso bem mais verdadeiro. (...) Do meu lado, ela (Maristela / personagem) dizia que queria porque queria que eu falasse da alegria que ela tem sentido todo esse tempo em que edições é mais edições se esgotaram. Da alegria de ter espalhado

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP, Câmpus de Assis, Estado de São Paulo. Professora na graduação e pós-graduação em Letras e no PROFLetras da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras FCL da UNESP, Câmpus de Assis-SP. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp, Câmpus de Assis-SP (2021/2025). Membro dos Grupos de Pesquisa: RELER - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Leitura (PUC - Rio); EnLIJ - Encontros com a Literatura Infantil e Juvenil: ficção, teorias e práticas (UERJ-Rio). Líder do GP Literatura e formação do leitor: implicações estéticas, históricas e sociais (UNESP) e Vice-líder do GP Literatura juvenil: crítica e história (UENP). Vice coordenadora do Grupo de Trabalho Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, junto a ANPOLL e membro da Red Temática de Investigación Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco Ibérico e Iberoamericano (LIJMI). CV: <https://lattes.cnpq.br/6471791031294211>. E-mail: eliane.galvao@unesp.br.

² Mestra em Letras (Área de conhecimento: Linguagens e Letramentos) e Doutoranda (Linha de pesquisa: Leitura, Crítica e Teoria Literária) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP - Câmpus de Assis/SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/6766376187843640>. E-mail: adriana.gonzaga@unesp.br

felicidade nas gerações que por ela passaram” (2011, p.07). Rosa Amanda Strausz também publicou “Alecrim” em 2003, em homenagem à Sylvia Orthof. No posfácio. Strausz afirma: “[...] este livro é uma homenagem declarada e deslavada à Grande Fada Orthof, também, conhecida como Sylvia Orthof” (2003, p.105).

Cláudia, sua mãe foi uma fada? Pergunto sob a perspectiva da sua infância?

Claudia: Olha, acho que toda mãe é uma fada quando a gente é criança, aquela admiração, aquela coisa, mas mamãe não era uma mãe tradicional de jeito nenhum, ela trabalhava no teatro e dava aula na universidade, na UNB. Trabalhava no SESI, fazendo teatro com os operários e os estudantes [...]. E num certo sentido a gente sentia muita falta dela porque ela era muito dedicada a isso e eram tempos muito duros também, porque tinha a ditadura, a gente morava em Brasília, então, tinha toda essa questão dos amigos perseguidos. Papai e mamãe acolhiam, volta e meia, alguém lá em casa, uma época, o Zanini foi preso, aquele arquiteto, e a mulher dele ficou lá em casa um tempão, enquanto ele estava preso. Então, tinha um ambiente também que não era [...] só de gracinha, de épocas boas. Foram épocas duras e a gente sentia isso também, mesmo que não soubesse muito bem o que estava acontecendo, a gente sentia.

2 - Você encenou a peça “A viagem de um barquinho” no papel da Lavadeira no MAM³. Quais lembranças ainda reverberam? Você continuou a atuar?

Claudia: Foi uma experiência muito rica na minha vida. Eu tinha 16 e estava doida para fazer teatro, naquela época. A experiência resultou em uma peça que ficou muito tempo em cartaz e era uma peça também que disfarçadamente falava da liberdade, da ditadura. Como não tinha uma censura, assim, acirrada com o teatro infantil, ela virou um “cult” de pessoas que iam levar os filhos, mas era uma peça que tinha um subtexto para os adultos também. Depois, eu fui para outro caminho. Eu parei, fui fazer medicina. Terminei. Fiz depois psicologia médica, internato em obstetrícia e, hoje, sou parteira domiciliar. Fiquei entre minha mãe e meu pai. Estudei no Rio, na “Souza Marques”, depois fui fazendo outras coisas. Fiz uma história bem diferente daquela dos médicos. Nunca trabalhei como médica num hospital, sempre trabalhei com essa parte mãe e bebê, especializei-me nisso e acabei virando parteira há vinte anos. Por isso que os meninos todos nasceram em casa (refere-se aos sete netos: João Moreno, Caio Pabi, Noé Turia, Cecília Emi, Naoli, Iara e Cainã).

3 - Sempre foi uma preocupação da Sylvia escrever para crianças, mas também para adultos? Aliás, sua mãe disse que escreveria uma peça para concorrer no concurso oferecido pelo teatro em Guaiá e prometeu: “Filha, eu vou escrever uma peça para esse concurso e vou ganhar. Depois vamos apresentar no MAM” (1996, p.40). Foi isso mesmo?

Claudia: Mamãe escrevia para ser interessante para todas as faixas etárias. Cada um pegava a história num nível diferente. Não me lembro dessa história sobre o MAM.

³ Museu de Arte Moderna (MAM).

Pode ser decepcionante, pois é, mas mamãe era uma ‘inventadeira’ de histórias, né? Então, muitas das coisas, a fantasia dela que criava. Ela era tão exacerbada que escrevia misturando muito a fantasia com a realidade. Na vida real, não. Ela era uma pessoa bem prática, muito engraçada, muito viva. Mas na escrita, naquelas histórias, como *Os bichos que tive*, há partes que são verdadeiras e partes que são da fantasia dela. Eu acho que isso para as pessoas que leem é muito bacana porque parece que é tudo vivido, da mesma maneira. É como se fosse assim, a história real é uma inspiração e depois vem o floreado. Toda a literatura dela seria justamente o talento dela em transformar uma história simples e comum em outra fantasiada. Por exemplo, aquela do coelho na alface, provavelmente, aconteceu, mas não tão exagerada como está escrita no livro. O batizado da rã é outro exemplo. Esse livro *Os bichos que tive* acho que é um livro fantástico. Esse é uma história que eu conto para os meus netos, pois eles não a conheceram, somente meus filhos. As ilustrações são do Gê. E se você pegar aqui, todas essas histórias ela contava para a gente como sendo reais, mas, assim, vamos dizer, o núcleo da história, mas o resto que está em volta, não sei... porque acho que era o talento, a fantasia dela, a maneira dela de recontar, vamos dizer assim. Mas não eram as histórias todas reais.

4 - A Casa de Ensaio, criada, em 1974, por Sylvia Orthof, não se propunha a formar atores, mas educar através do teatro. Você pode comentar sobre essa proposta inovadora?

Claudia: Isso foi bem na época que ela retomou a profissão, depois que papai morreu, ela tinha 40 anos e ficou viúva. A gente foi morar no Rio e ela abriu essa Casa de Ensaio, mas a empreitada não foi adiante e ela acabou indo morar em Laranjeiras, eu já não morava com ela. Em Laranjeiras, viviam ela, o Tato, o Gê e o Pedro. Depois, o Gê casou e ficou só o Pedro morando com ela. A casa era parecida com esta casa aqui, tinha um apartamentinho no andar de baixo e essa Casa de Ensaio não foi adiante por conta da época, uma época de recessão. Foi naquela época que teve plano, como era mesmo aquele plano que prenderam todas as poupanças⁴? Aí, nessa época, ela perdeu um dinheirão, como é que era o nome da ministra que se casou com Chico Anísio⁵? Foi um tempo muito difícil, como é que ia sobreviver e tal? Ela começou a escrever e deu certo, por isso começou a seguir por esse caminho. Em Petrópolis, tinha o Teatro do Livro Aberto e, ainda, tem o Fernando Vianna que é uma pessoa a quem você pode procurar.

5 - Diante da qualidade do conjunto da obra de Sylvia Orthof, qual interesse das editoras para uma reedição? Existe algum projeto? Há contratos ainda com editoras?

Claudia: Acho que isso aí você tem que conversar com a Lúcia. Ela é agente literária. Ela resolve tudo praticamente. Ela era muito amiga da mamãe. A gente volta e meia conversa com ela sobre algum livro. A mamãe espalhou os livros por muitas editoras,

⁴ Plano Collor.

⁵ Zélia Cardoso de Mello.

isso ficou muito difícil para cuidar. Então, a Lúcia tem tentado, à medida que termina um contrato, juntar as obras em editoras que são mais organizadas. Tem contrato ainda com editoras e vão permanecer por muito tempo. A gente recebe direitos autorais, mas isso é uma parte pequena porque os autores sempre recebem 5 a 10% do valor do livro. Aí a Lúcia vai trabalhando para aumentar, melhorar os contratos e a gente recebe direto da Lúcia Riff para nós três. E até hoje a gente recebe, volta e meia, um presentinho caído do céu. A gente divide com os netos, proporciona muitas coisas que, através desse dinheiro da mamãe, eu pude dar para os meus netos. Inclusive essa viagem⁶ que estou fazendo foi um dim-dim da mamãe que chegou. Foi inesperado e eu aproveitei para realizar esse sonho.

6 - A grande inspiração de Sylvia Orthof para escrever foram os netos: Mariana, Francisco, Nina e Olívia. Como era a reação deles ao ler ou ouvir as histórias da avó? E você e seus irmãos que idade tinham quando ela começa a escrever?

A gente já era adulto quando ela começou a escrever. Ela começou a escrever com 40 anos e ela morreu com 65, então, em 25 anos, ela fez tudo isso. Mas era uma época em que já não estávamos tão próximos. Nós éramos jovens adultos e estávamos cuidando das nossas vidas, né? E essa dedicatória e tudo também era uma época que ela já estava bem reclusa em Petrópolis. Saía, ia na Bienal, nos encontros e muito a escolas. Acho que dedicou muito da vida dela, do tempo, inclusive do sucesso dela a essas visitas às escolas e acho que isso garantiu, inclusive, uma venda elevada dos livros dela. Basicamente, as professoras é que se encantavam com os livros e os utilizavam nas escolas. Sobre os netos, bom, os meus bisnetos têm uma coisa assim: Ah, os livros da bisá! Os netos, quando ela começou a escrever, eles eram maiores, pré-adolescentes, adolescentes e ela estava numa fase de muito trabalho. Morava em Petrópolis, a gente morava na Barra da Tijuca, vinha para cá, para Teresópolis nos fins de semana. O Gê morava em Brasília com os filhos dele e o Pedro ainda não tinha filho. Quando a Sofia nasceu, ela já tinha morrido. Então, o contato com os netos não era tão forte, mas o amor e a dedicação com os livros é outra coisa.

7 - No livro *No fundo do fundo-fundo lá vai o tatu Raimundo*, na quarta capa, Sylvia Orthof dedicou a obra à Trude: “Trude foi minha mãe e era uma linda pessoa-tatu”. O que é para você uma pessoa-tatu? Por que Sylvia Orthof faz esta relação com a mãe?

Claudia: A vovó era uma pessoa bem cerimoniosa e não se abria assim, talvez fosse isso que ela quisesse falar. E era uma pintora, uma artista. Pessoa bem diferente das outras mães da época, imagina... A mamãe deve ter tido dificuldade com a mãe dela que era uma estrangeira, falava mal português. Era uma pintora, não era católica como todas as outras mães, era uma judia que nem era religiosa. Então, ela fala disso em alguns livros. Que era difícil... Mas a vovó era muito presente, participava da vida da gente e, de certa forma, estava sempre perto.

⁶ Claudia estava com viagem marcada para Londres.

8 – Quando seus avós maternos vieram para o Brasil?

Claudia: Eles vieram entre as duas guerras em 1926. Meus avós se conheceram em Viena, aí ele veio primeiro, ela veio depois, e aí foram trazendo as duas famílias. Ninguém morreu graças a eles. Na verdade, eles acolheram os familiares aqui no Brasil. Dizem que os judeus, que não eram religiosos, mas sim socialistas, se deram conta de que a coisa ia ficar feia e vieram fugidos da Alemanha, da Áustria. E os religiosos que ficaram lá morreram no holocausto. Esses que vieram para cá formaram uma geração de velhos socialistas em São Paulo e criaram associações.

9 - Existe alguma história dedicada a você? Entre as publicadas qual ou quais são suas preferidas? Por quê?

Claudia: Não sei se existe, mas em quase todas ela coloca a nós três ou aos netos. Mamãe tinha muito essa coisa de fazer igual para todos, de manter a justiça. Entre as favoritas; *Se as coisas fossem mães*; *Os bichos que tive*; *Se a memória não me falha*; *Orações para sorrir*; aqueles da fada Fofa. Muitos deles eram irreverentes, divertidos... É uma coisa que era muito dela, por um lado, era sarcástica, irônica, por outro, produzia coisas tão carinhosas que não eram piegas, isso que eu acho legal! Inclusive, os títulos são uma coisa que já chama a atenção. A vaca mimosa... é um absurdo, né?

10 - A Cacilda Becker apresentou seu pai para Sylvia? A arte sempre fez parte da família?

Claudia: Sim, apresentou. Fez parte. Outro dia, eu vi um pedaço de “Morte e Vida Severina”, do João Cabral, e aí pensei que sabia pedaços dessa peça até hoje. Minhas memórias de criança. Aí comecei a escutar e fiquei emocionada porque era uma vivência muito forte para mim que era a mais velha dos meus irmãos. Você, de repente, vai um dia a Brasília conhece o Gê e conversa com ele. Ele também foi muito influenciado pela história de arte da família, acabou virando professor de arte da UnB, faz exposições de arte, é premiado... Ele ficou muito influenciado por essa trajetória de arte porque já vinha de antes... dos meus avós... Minha mãe era filha de artistas das duas partes, a vovó é isso aí que você está vendo (aponta para os quadros na parede), e o vovô foi mais reconhecido como pintor, mas a vovó também pintava muito bem. Ele mesmo falava (aponta para outro quadro na parede). No quadro, há uma mudança com as coisas desarrumadas e duas moças que trabalhavam na casa. A mamãe estava grávida do Pedro e eu estava com 6 anos, por aí, e a vovó pintou esse quadro, baseada numa mudança de casa, porque a gente mudou inúmeras vezes.

10 – Você ajudava na produção de cenários das peças? Como seu pai percebia o trabalho de sua mãe? Em qual ocasião, ele faleceu?

Claudia: Eu ajudava a costurar os figurinos. Meu pai adorava, ele admirava minha mãe e gostava da bagunça. No início de 1972, meu pai estava doente, depois foi diagnosticado com câncer de fígado e morreu em julho. A família estava em Petrópolis quando ele foi diagnosticado para que a gente ficasse perto dos avós. Depois da morte

dele, fomos morar no Rio, por conta do trabalho da mamãe que começou sua vida de escritora.

11 - Há diferentes versões sobre fatos a respeito de Sylvia Orthof. Quando ela foi para a França?

Claudia: Eu acho que apareceram muitas coisas depois que ela morreu. As pessoas têm memórias engraçadas dela porque ela era bem palhaça, risonha, alegre... e as histórias vão se misturando e acho que é natural isso. Pessoas amadas, dizem que toda memória é um pouco inventada. Cada um de nós guarda um pedacinho da história. Se você for perguntar para várias pessoas diferentes sobre um mesmo fato, cada um vai contar uma outra história. Mamãe não perdeu essa criança dentro dela, manteve isso através dessa criança que ela ficou tão conhecida como as pessoas dizem uma inventadeira de histórias. Uma pessoa que realmente conta para os adultos uma visão de uma criança. Que a maioria dos adultos já perdeu isso. Acho que é isso que encanta. Em 1968, a mamãe, o Gê, eu e a vovó Trude fomos para a França e ficamos lá uns seis meses. Depois, papai foi para lá e a gente voltou para o Brasil. Tinha um comentário de perseguição política. O Pedro ficou na casa de uma madrinha porque era pequeno e a gente ia voltar. Ou então, se a gente ficasse lá, ele ia depois com o papai. E aí, a gente voltou. Em 1972, ela ficou viúva.

12 - Em 1968, ela pediu demissão da UNB/CIEM⁷? É verdade que um dia ela chegou na sala dela e estava cheia de máquinas de costura?

Claudia: Isso é real. Eu era muito pequena nessa época, mas acredito que ela foi perseguida no CIEM. Mas isso foi em 69, porque no meio do 68, em setembro, nós fomos para a França. Voltamos só em 69.

13 – Como a Sylvia conheceu o Tato? A parceria entre eles começa desde a montagem da peça “A viagem de um barquinho”? Como era essa parceria?

Claudia: Eles se encontraram num período que a gente passou em Petrópolis na casa dos meus avós, de férias. Tato também era viúvo. Sua esposa tinha morrido em um acidente de automóvel junto das noras. Eles se encontraram, logo começaram a namorar e se casaram. A parceria deles começa na montagem dessa peça mesmo. Ele ajudava com os cenários. Daí eles foram morar em Petrópolis e ele fazia essa parte de cenário. Também ilustrava os livros da mamãe. Ah! Acho que a parceria era natural, estavam lá trabalhando, o Tato chegava e desenhava. E a mamãe, de uma certa forma, estimulava muito o Tato a fazer essas coisas...

⁷ Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM).

14 – Sylvia Orthof tornou-se conhecida nacionalmente pela sua produção dramaturgica, principalmente pela peça “Cristo x Bomba”, escrita em 1968. Como foi depois desse reconhecimento público?

Claudia: Ela aceitava ser jurada de Carnaval e de um monte de coisas. Tinha concurso de presépio, aí a gente ia com ela nas casas das pessoas para julgar qual era o presépio mais bonito. Concurso de fantasia no carnaval. Ela desenhava para o cabeleireiro dela e ele ganhava sempre esse concurso. Ele ia vestido de catedral, de um monte de loucuras e, em troca, pintava o cabelo da minha mãe de tudo que era cor e não cobrava. Ela vivia no cabeleireiro...

15 - De onde vem tanta originalidade da sua mãe? As associações, os jogos de significações diversas às convencionais, enfim as brincadeiras no âmbito da linguagem?

Claudia: Acho que a origem dela de ter tido tanta formação artística em casa também, música, teatro, e meus avós que viviam isso todo dia. Ela tinha muita facilidade para línguas, então falava francês, alemão, inglês e aí esses jogos de palavras ela tinha facilidade. Ela lia muito. Ela acordava às 5 da manhã e começava a trabalhar quando não tinha movimento na casa. Eu sou igual! Morro de sono à noite e daí acordo cedo, às 5h.

Em memória de Claudia Orthof, com nosso mais profundo agradecimento e encantamento!

Obras de Sylvia Orthof datadas pela publicação e suas editoras:

<i>A viagem de um barquinho</i>	1975	Grafipar
<i>Cantarim de cantará</i>	1980	Agir
<i>Uma estória de telhados</i>	1981	Codecri
<i>Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro</i>	1981	Codecri
<i>As casas que fugiram de casa</i>	1982	Abril
<i>Dona Lua vai casar</i>	1982	Abril

<i>Histórias curtas e birutas</i>	1982	Codecri
<i>João Feijão</i>	1982	Ática
<i>Malandragens de um urubu</i>	1982	Abril
<i>Mamãe, eu quero miar!</i>	1982	Abril
<i>Maria-vai-com-as-outras</i>	1982	Ática
<i>Pererê na pororoca</i>	1982	Abril
<i>Pomba Colomba</i>	1982	Ática
<i>A vaca Mimosa e a mosca Zenilda</i>	1982	Ática
<i>Aventuras da família Repenica: Em busca do tesouro</i>	1983	Salamandra
<i>A barriga de H. Linha</i>	1983	Ebal
<i>Os bichos que tive</i>	1983	Salamandra
<i>A limpeza de Teresa</i>	1983	Ática
<i>Enferrujado lá vai o soldado</i>	1984	Salamandra
<i>A fofa fofura e o sol solteiro</i>	1984	Orientação Cultural
<i>No fundo do fundo-fundo lá vai tatu Raimundo</i>	1984	Nova Fronteira
<i>Gato pra cá, rato prá lá</i>	1984	Memórias Futuras
<i>Saracotico no céu ou a verdadeira história de São Jorge e do disco voador</i>	1984	Rocco
<i>Se as coisas fossem mães</i>	1984	Nova Fronteira
<i>Bruzundunga da Silva</i>	1985	Melhoramentos
<i>Dona noite doidona</i>	1985	Ao Livro Técnico
<i>Duas histórias de perna fina</i>	1985	Quinteto Editorial

<i>Dumonzito, o avião diferente - passageiro igual a gente</i>	1985	Ao Livro Técnico
<i>Pé de pato</i>	1985	Ao Livro Técnico
<i>Uxa ora fada, ora bruxa</i>	1985	Nova Fronteira
<i>Ervilina e o Príncipe ou Deu a louca em Ervilina</i>	1986	Memórias Futuras
<i>Cabidelim, o doce monstrinho</i>	1986	Memórias Futuras
<i>Jogando conversa fora</i>	1986	FTD
<i>Leãozinho feroz da fina voz</i>	1986	Memórias Futuras
<i>A mesa de botequim e seu amigo Joaquim</i>	1986	Salamandra
<i>Um pipi choveu aqui</i>	1986	Global
<i>O sapato que miava</i>	1986	FTD
<i>Uma velha e três chapéus</i>	1986	FTD
<i>A Velhota Cambalhota</i>	1986	Lê
<i>O cavalo transparente</i>	1987	FTD
<i>Dita-cuja, a coruja</i>	1987	Salesiana
<i>Doce, doce... E quem comeu regalou-se!</i>	1987	Paulus
<i>O fantasma travesti</i>	1987	Espaço e Tempo
<i>Felipe do abagunçado</i>	1987	Globo
<i>Folia dos três bois</i>	1987	Antares
<i>Sou Miloquinha - a duende</i>	1987	Quinteto Editorial
<i>Nana Pestana</i>	1987	Nova Fronteira
<i>Papos de anjo</i>	1987	Record
<i>Ponto de tecer poesia</i>	1987	Ebal

<i>Se a memória não me falha</i>	1987	Nova Fronteira
<i>A gema do ovo da ema</i>	1988	FTD
<i>Pirraça que passa, passa...</i>	1988	Melhoramentos
<i>Ave alegria</i>	1989	FTD
<i>Choque no roque</i>	1989	Memórias Futuras
<i>Histórias de arrepiar o cabelo</i>	1989	José Olympio
<i>Luana adolescente lua crescente</i>	1989	Nova Fronteira
<i>Pinguilim, voz de flautim...</i>	1989	Rio Fundo
<i>Quem roubou meu futuro?</i>	1989	Atual
<i>Trem de pai... uai!</i>	1989	José Olympio
<i>Tumbune, o vaga-lume</i>	1989	Ática
<i>Curupaco coisa e tal, quero ir para Portugal!</i>	1990	Nova Fronteira
<i>Fada lá de Pasárgada</i>	1990	Miguilim
<i>A Fada Sempre-Viva e a galinha-fada</i>	1990	FTD
<i>Foi o ovo? Uma ova!</i>	1990	Formato
<i>Zoiúdo - o monstrinho que bebia colírio</i>	1990	Nova Fronteira
<i>Cadê a peruca do Mozart?</i>	1991	Miguilim
<i>Chora não...!</i>	1991	Nova Fronteira
<i>A família Eco-Eco</i>	1991	Imago
<i>Bóia, bóia lambisgoia!</i>	1992	Lê
<i>Fada Cisco Quase Nada</i>	1992	Ática
<i>Galo, galo, galo não me calo</i>	1992	Formato

<i>Guardachuvando doideiras - capítulos curtíssimos pra quem tem preguiça de ler, ora!</i>	1992	Atual
<i>A poesia é uma pulga</i>	1992	Atual
<i>Eu sou mais eu!</i>	1993	Moderna
<i>Fraca Fracola, galinha-d'angola</i>	1993	Ática
<i>Infância e velhice ("Genoveva e os biscoitos mentirinhas")</i>	1993	Atual
<i>Mula sem cabeça e outras histórias ("Mula sem cabeça", "A flauta de Nicolau", "Fada Crica cozinheira")</i>	1993	Livros do Tatu
<i>São Francisco-Bem-te-vi</i>	1993	FTD
<i>Bagunça total na cidade imperial</i>	1994	Paulinas
<i>Canarinho, cachorrão e a tigela de ração</i>	1994	Braga
<i>Chamuscou, não queimou ("Maga Orthofiana cantadeira")</i>	1994	Ediouro
<i>Cropas ou praus? ("Frescôlia, a dos olhos verdes...")</i>	1994	Ediouro
<i>Dragonice diz-que-disse</i>	1994	Paulinas
<i>O livro do bem - Pequeno manual utilizando símbolos da natureza para os caminhos energéticos da paz</i>	1994	Espaço e Tempo
<i>O livro dos bons negócios - Pequeno manual adivinhatório para responder às questões relativas ao trabalho</i>	1994	Espaço e Tempo
<i>Mais-que-perfeita adolescente</i>	1994	Ediouro
<i>Moqueca, a vaca</i>	1994	Paulinas
<i>Nem assim nem assado ("Uma história apimentada")</i>	1994	Ediouro
<i>A onça de Vitalino - Brincando com os bonecos de barro do Mestre Vitalino</i>	1994	Salamandra

<i>Papai Bach, família e fraldas</i>	1994	Paulinas
<i>Que raio de história!</i>	1994	Ediouro
<i>Quem acorda sonha ("O Gnomo Sinote e o treco na glote")</i>	1994	Ediouro
<i>A rainha rabiscada</i>	1994	Artes e Contos
<i>Se faísca, ofusca ("Ora, bolhas!")</i>	1994	Ediouro
<i>Tia Anacleto e sua dieta</i>	1994	Paulinas
<i>Tia Carlota tricota e tricota!</i>	1994	Paulinas
<i>Tia Januária é veterinária</i>	1994	Paulinas
<i>Tia Libória contando história</i>	1994	Paulinas
<i>Vou ali e volto já ("Docemel")</i>	1994	Ediouro
<i>Vovô Bastião vai comendo feijão!</i>	1994	Paulinas
<i>Vovó viaja e não sai de casa?</i>	1994	Agir
<i>A avareza ("Unha de fome")</i>	1995	Ediouro
<i>Avoada, a sereia voadora</i>	1995	Ática
<i>As casas do bom astral - Boas vibrações para a construção do bem</i>	1995	Espaço e Tempo
<i>Fantasma de camarim - Doideiras com Apolônia Pinto</i>	1995	Formato
<i>A gula ("O doce pecado")</i>	1995	Ediouro
<i>A inveja ("Seca-pimenteira")</i>	1995	Ediouro
<i>A ira ("Nem toda ira é justa!")</i>	1995	Ediouro
<i>A luxúria ("O baile do fim do mundo")</i>	1995	Ediouro
<i>Malaquias</i>	1995	Quinteto Editorial

<i>Manual de boas maneiras das fadas</i>	1995	Ediouro
<i>Meus vários quinze anos</i>	1995	FTD
<i>O orgulho ("Um tanto quanto...")</i>	1995	Ediouro
<i>A preguiça ("Preguicite aguda")</i>	1995	Ediouro
<i>Rabiscos ou rabanetes</i>	1995	Global
<i>Tem minhoca no caminho</i>	1995	Braga
<i>Adolescente poesia</i>	1996	Ediouro
<i>O anjo de Aleijadinho</i>	1996	Salamandra
<i>Cordel adolescente, ó xente!</i>	1996	Quinteto Editorial
<i>Livro aberto - confissões de uma inventadeira de palo e escrita</i>	1996	Atual
<i>Mas que bixo lagartixo!</i>	1996	Braga
<i>Quincas Plim pois foi assim</i>	1996	Paulinas
<i>Tem cachorro no salame - Brincando com Paolo Uccello e sua pintura</i>	1996	FTD
<i>Tem cavalo no chilique - Brincando com Simone Martini e sua pintura</i>	1996	FTD
<i>Tem graças no Botticelli - Brincando com Sandro Botticelli e sua pintura</i>	1996	FTD
<i>Ciranda de anel e céu</i>	1997	Global
<i>A décima terceira mordida</i>	1997	Global
<i>Fada fofa e os sete anjinhos</i>	1997	Ediouro
<i>Fada fofa em Paris</i>	1997	Ediouro
<i>História avacalhada</i>	1997	Globo

<i>História engatada</i>	1997	Globo
<i>História enroscada</i>	1997	Globo
<i>História vira-lata</i>	1997	Globo
<i>O livro da sorte - Pequeno manual adivinhatório para responder às questões de amor, finanças saúde, etc...</i>	1997	Garamond
<i>O livro que ninguém vai ler</i>	1997	Ediouro
<i>Os nomes da sorte</i>	1997	Mandrágora
<i>Ovos nevados</i>	1997	Formato
<i>O rei preto de Ouro Preto</i>	1997	Moderna
<i>Sonhando Santos Dumont</i>	1997	Salamandra
<i>Zé Vagão da Roda Fina e sua mãe Leopoldina</i>	1997	Nova Fronteira
<i>As visitas de dona Zefa</i>	1998	Ática
<i>Fada fofa onça-fada</i>	1999	Ediouro
<i>Pequenas orações para sorrir</i>	1999	Paulinas
<i>A bruxa Fofim</i>	2002	Nova Fronteira
<i>Contos de estimação</i>	2002	Objetiva
<i>Eu chovo, tu choves, ele chove</i>	2002	Objetiva
<i>A garupa e outros contos</i>	2002	Martins Fontes
<i>Contos da escola</i>	2003	Objetiva
<i>Contos para rir e sonhar</i>	2003	Salamandra
<i>Você viu? Você ouviu?</i>	2003	Global
<i>Faz de conto ("Vo General, Vovó Vedete")</i>	2006	Global

<i>Que saracotico! (Antologia)</i>	2009	Ática
<i>O baile do fim do mundo e outras histórias</i>	2012	Rovelle
<i>Poesia d'água</i>	2013	Rovelle
Outras produções		
<i>Senhor Vento e dona Chuva</i>	1986	Melhoramentos
<i>O inspetor geral</i>	1987	Scipione
<i>As aventuras de Igor na Antártida</i>	1987	Intervídeo

Fonte: (REIS, 2022, p.25-31).

Referências

GANEN, Eliane. A fada desencantada. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ORTHOF, Sylvia. *Livro Aberto*: Confissões de uma inventadeira de palco e escrita. São Paulo: Atual, 1996.

REIS, Carla Francine da Silva. *A produção juvenil de Sylvia Orthof*: linhas e entrelinhas da metaficção. Assis, 2022. 305p. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

STRAUSZ, Rosa Amanda. Alecrim. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.